

# Heterogeneidades enunciativas e polifonia

*Luiz Francisco Dias\**

1. A noção de heterogeneidade enunciativa nos remete à natureza do discurso. Ao se adotar uma perspectiva discursiva, dentro dos domínios do que se entende hoje Análise do Discurso Francesa, se postula a tese da articulação entre o lingüístico e o ideológico. Isso significa dizer que o discurso comporta uma dimensão “vertical” - formada pelo interdiscurso, exterior ao lingüístico, onde se constitui o dizer, e onde o sujeito não intervém. Diferentemente do sujeito “pleno”, autônomo, e causa do acontecimento lingüístico, pressuposto nas correntes tradicionais da Lingüística, a Análise do Discurso trabalha com um sujeito cuja identidade é marcada pela intervenção do “outro”. Isto é, pela intervenção de uma exterioridade constitutiva à própria natureza da subjetividade. Authier (1982 e 1984) distingue dois planos de heterogeneidade dentro da realidade enunciativa: a heterogeneidade constitutiva e a heterogeneidade mostrada. Dentro do que pretendemos neste estudo, daremos uma breve caracterização do primeiro plano, para depois no dedicarmos mais detidamente ao segundo plano, especificamente no que ele, em parte, se aproxima da Teoria Polifônica da Enunciação, de O. Ducrot.

2. A heterogeneidade constitutiva, como tem sido definida por Authier, é o processo real de constituição do discurso; não é representável, nem localizável e é só atingida teoricamente, através de duas abordagens: pelo discurso, iniciando-se no dialogismo de Bakhtin e pela psicanálise.

Para Bakhtin, a realização lingüística é atravessada por discursos diversos, formando um jogo dialógico, feito de acordos, rejeições, compromissos. E é desse, e por esse entrecruzamento de discurso que nasce o sentido; exatamente de um processo em que “um” se constrói na medida em que se representa diante do “outro”. Daí porque se afirmar que constitutivamente dentro do sujeito há o “outro”.

---

\* Professor de Lingüística da UFPB-Campus II.

Outro esteio que sustenta a heterogeneidade constitutiva é a teoria psicanalítica, especificamente os estudos de Lacan sobre o pensamento de Freud. De acordo com a teoria do “decentramento do sujeito”, é ilusória a pretensão do sujeito de ser a fonte de onde emanaria o sentido da sua fala; da mesma forma, seria ilusório pensar-se numa posição de exterioridade em relação à linguagem, de onde ele (sujeito falante) pudesse se colocar como mero “expectador” ou “juiz” da sua própria fala. Manter a ilusão de um centro, no entanto, é função normal e até mesmo necessária ao “eu”, que se ocupa em reconstruir a imagem de um sujeito autônomo.

Temos assim o primeiro motivo para se falar em heterogeneidade na Análise do Discurso.

3. No plano da heterogeneidade mostrada (ou representada) trabalha-se com o discurso a partir da sua materialidade lingüística. Uma das tarefas a que tem se dedicado Authier tem sido a de identificar as marcas representativas daquilo que o locutor (se) dá de sua enunciação (Authier, 1982:142). Essas marcas algumas vezes se manifestam em forma de comentários reflexivos explícitos sobre o próprio discurso. É o que ocorre neste caso:

*Talvez tenha ocorrido na história do conceito de estrutura algo que poderia chamar de “evento”, se esta palavra sobrecarregada não portasse um significado que o pensamento estrutural - ou estruturalista - deve reduzir ou olhar com desconfiança. Mas permitam-me, mesmo assim, empregar o termo “evento”, com cautela e entre aspas. Neste caso, esse evento terá a forma anterior de uma ruptura e de uma reduplicação. (Derrida, 1977:260).*

Temos aqui todo um mecanismo de ajuste, funcionando como uma maneira de “distanciar” a palavra (“evento”) de um discurso “outro” e “orientá-la” para um modo de significar independente. Nesse caso, segundo termos de Authier, houve uma “não-coincidência” entre a palavra e ela mesma, denunciando o “ponto de heterogeneidade”, onde o locutor “afirme”, par la position métalinguistique dans laquelle il se place, sa maîtrise de sujet parlant, à même de séparer ‘l’un’ de ‘l’autre’: son discours de celui des autres; et, plus encore, lui et sa pensée, de la langue qu’il regarde, de l’extérieur, comme un objet.” (Authier, 1982:145)

Esse seria um segundo motivo para se falar em heterogeneidade enunciativa.

Mas nem sempre a heterogeneidade mostrada ocorre através de um comentário metalinguístico. Ela pode se manifestar de outras maneiras, mais complexas e não sujeitas a uma tipificação tão evidente. É o que veremos:

*REPÓRTER: Você sabe o que significa PCN?*

UMA SENHORA (no centro de São Paulo): Bom, PCN que eu sei eles falam que é banco, né?

(TV Bandeirantes. 13/7/89)

Nesse caso, torna-se interessante utilizarmos de uma distinção feita por Ducrot entre locutor e enunciador. O locutor (L) é aquele que “assume a responsabilidade do ato de afirmação veiculado pelo enunciado” e é designado pelo eu (Ducrot, 1984:180). O enunciador (E), por sua vez, é a “origem do ponto de vista expresso na enunciação” (idem. p. 198). Assim, podemos identificar na fala da entrevistada um sujeito (L) que delimita e individualiza (“que eu sei”) o significado da sigla; ao mesmo tempo, esse movimento de individualização mostra o seu reverso, na perspectiva expressa em “eles falam que é”, na forma de um enunciador genérico, responsável pelo significado da sigla em questão.

Veremos uma outra situação em que podemos utilizar da polifonia. Trata-se de um texto, do qual retiramos alguns trechos para análise, publicado na Folha de São Paulo, cujo título mostra-se desde já interessante; “Quem com chavão fere, com chavão será ferido”.

*Desde os imemoráveis tempos de nossos papais Adão e Eva, quando habitavam o chamado Paraíso Terrestre, os chavões começaram a tomar conta de todas as atividades humanas, inclusive a comunicação. A história não registra, mas é bastante provável que Eva, ao oferecer a decantada maçã ao Adão, deve ter usado o primeiro chavão, que a partir daí foi crescendo mais rápido que a mais rápida bola de neve.*

*Tanto tempo depois, é só forçar um bocadinho a nossa massa cinzenta e encontrar uma verdadeira enciclopédia de chavões, ditos em cada momento, em cada acontecimento, enfim, em tudo. Poderíamos começar este desfile com uma expressão que existe*

atualmente no vocabulário das pessoas, que é nada mais nada menos o famoso “a nível de... a nível de futuro, a nível de reunião, a nível de colheita, a nível de casamento, ...

*Não sei se o prezado amigo que me honra com sua leitura já pensou o mundo de “royalties” que renderia a palavra “agora”, que bombardeia nossos olhos e nossos ouvidos, se alguém se propusesse a registrar a citada palavra?*

*Exemplos: e agora, mais um campeão de audiência; agora a previsão do tempo; agora também em comprimidos; agora falamos do Morumbi; agora um novo e revolucionário aparelho de TV; agora passemos para outro item: agora estamos entendidos; e vai daí agora, quero dizer, afora.*

*O hábito faz o monge também é um chavão, mas aqui está sendo usado para justificar essa tempestade de chavões que assola nossas cabeças, às vezes sem que a gente dê conta disso. (Periscinoto, 1989: B-7)*

O jogo que se realiza neste texto torna-se “arriscado” porque, na medida em que o locutor fala do chavão, portanto coloca-se “de fora” de sua fala, ele é “falado”, como sugere o próprio título do texto. Mas a imagem do locutor parece resguardada: aquele que fala do chavão, e que dele faz uso, ao mesmo tempo, é um locutor diluído no nós, as pessoas enquanto coletividade (o “quem” do título, parece, por extensão, ter o mesmo estatuto). Em termos ducrotianos, trata-se do “locutor enquanto pessoa no mundo” (Ducrot, 1984:188-9).

O “eu” que se “salva”, que se protege, e sai “fortalecido” é o L (locutor enquanto tal, que vimos no caso anterior); e ele só é considerado quando reconhecemos as “saídas” irônicas no texto, como, por exemplo, “...agora estamos entendidos; e vai por aí agora, quero dizer, afora”. Aqui o L, partindo da imagem que o interlocutor possui do chavão, do estereotipado, atribui a todo um grupo de falantes, inclusive o uso de chavões. Mas ele subverte toda essa ordem na forma de um discurso lúdico. Segundo Orlandi (1986:88-9), a “ironia mostra que há um uso da linguagem que se volta para ela mesma”. E ainda:

*A ironia pergunta pela linguagem. E faz isso a partir da própria linguagem. Atua nos seus limites. Atenta contra sua “integridade”, ou seja, contra seu produto instituído. Dessa forma, podemos tomar a auto-destruição da linguagem como funcional, como parte dela.*

Essa seria uma terceira forma de se pensar a heterogeneidade.

Agora podemos refletir sobre os rumos da análise que estamos entendendo.

Se nos colocarmos no caminho da Pragmática, a nossa análise passaria por um estudo da atividade argumentativa do locutor. O “desdobramento” do locutor seria visto como uma estratégia dentro do processo de interação, com vistas a influenciar o interlocutor. Trata-se de entender as condições em que a palavra é eficaz, a partir das indicações do próprio enunciado. Isso dentro de um quadro em que a enunciação é definida como um acontecimento. Para Ducrot (1984:168), na realização de um enunciado “é dada existência a alguma coisa que não existia antes de falar e que não existirá mais depois”. A questão do sentido se coloca aí independentemente das condições de produção sócio-históricas, incluindo-se toda problemática do sujeito.

*... tenho necessidade, para construir uma teoria do sentido, uma teoria do que é comunicado, de um conceito de enunciação que não encerre em si, desde o início, a noção de sujeito falante.* (idem.p.169)

No modelo da análise proposto por Authier, o estatuto do sujeito não é algo que se acrescenta, é constitutivo da teoria. No nosso caso, o locutor que se “desgarra” da comunidade, que zomba do “discurso comum”, através da ironia, pode ser pensado como “prisioneiro das condições de produção de seu próprio jogo” (Orlandi, 1989:86); o movimento em direção ao rompimento, à “individualização” é considerado um efeito; o seu discurso também não deixa de estar inserido em um processo histórico, ele não está imune ao “já dito”. Trata-se de uma ilusão subjetiva da palavra, que passa pela ilusão do sujeito portador de escolhas, intenções e decisões (Pêcheux e Fuchs, 1975 in: Authier, 1984:101). Nesse sentido, podemos falar numa relação entre heterogeneidade constitutiva. Essa relação, segundo Authier (1982:143), ocorre na forma de uma negociação, obrigada, do sujeito com a heterogeneidade constitutiva.

Uma questão derivada de nossa análise, que deve ser colocada, é o uso de noções da teoria polifônica da enunciação, desenvolvida principalmente por Ducrot, no quadro de análise da heterogeneidade mostrada. A integração dos conceitos de Ducrot ao quadro descritivo de Authier só pode ser feita se se guarda algumas ressalvas, sem o que

corremos o risco de invalidar toda a parte relativa à heterogeneidade constitutiva, risco que, aliás, correu, pela mesma razão, Maingueneau (1989). Estamos nos referindo ao fato de que parte dos modelos teóricos, tanto de Ducrot quanto de Authier se inspiraram em Bakhtin. Mas há inegavelmente uma distância entre os dois neste particular. Para Ducrot, os conceitos de Bakhtin foram úteis para guiá-lo na construção de um modelo que caracteriza uma superposição de vozes, enquanto *estratégia do sujeito falante* (Ducrot, 1984:172).

A leitura que Authier faz de Bakhtin resulta em algo mais “radical”. Como vimos em (2), é no plano da heterogeneidade constitutiva, não reconhecida por Ducrot, que Authier considera a questão da complexidade do sujeito, cujo estatuto não coincide com o sujeito falante da teoria da enunciação. O uso do termo polifonia se integra à noção do constitutivo, e mesmo à gênese do discurso.

Dessa forma, quando aplicamos aqui conceitos da teoria polifônica da enunciação, estávamos na verdade lidando com o que Authier (1984:107) denomina “efeitos” de polifonia que permitem certas formas de heterogeneidade mostrada.

4. Esperamos ter mostrado, mesmo sucintamente, como se articula o lingüístico e o discursivo: todo o trabalho de análise de marcas no nível de representação passa necessariamente pelo entendimento do processo que rege e torna possível tal representação, processo a partir do qual se pensa a sistematicidade da língua. Tendo isso em mente, foi possível esboçar modelos de análise que incorporassem a teoria polifônica da enunciação, que, ao que parece, mostrou-se eficaz no entendimento da heterogeneidade no nível de representação.

#### *Referências bibliográficas*

- AUTHIER, J. Paroles tenues à distance. in: *Materialités Discursives*. Presses Iniversitaires de Lille, 1980.
- \_\_\_\_\_. Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. *DRLV*, n. 26, 1982.
- \_\_\_\_\_. Hétérogénéité(s) énonciative(s). *Langage*, n. 73, 1984.
- \_\_\_\_\_. Non-coïncidences énonciatives dans la production du sens. *Lynx*, n. 19, 1988.

- COURTINE, J-J. La toque de Clémentis. *Les discours Psychanalytique*, n. 2, 1981.
- DERRIDA, J. Estrutura, signo e jogo no discurso das ciências humanas. in: R. Macksey & E. Donato (orgs.) *A controvérsia estruturalista*. São Paulo, Cultrix, 1977.
- DIAS, L. F. Significação e forma lingüística na visão de Bakhtin. In: BRAIT, B. *Bakhtin, Dialogismo e Construção do Sentido*. Campinas: ed. da UNICAMP, 1997.
- DUCROT, O. 1984.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes/ed. da UNICAMP, 1989.
- ORLANDI, E. P. Destruição e construção do sentido. *Série Estudos*, n. 12, 1986.
- ORLANDI, E. P. Ilusões na(da) linguagem. in: I.A. Tronca (org.) *Foucault Vivo*. Campinas, Pontes, 1989.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*. Campinas: ed. da UNICAMP, 1988.
- PERISCINOTO, A. Quem com chavão fere, com chavão será ferido. *Folha de São Paulo*, Cad. Economia, 4/6/89, p. B-7, 1989.